

À violência, a luz!

Luiz Alex Silva Saraiva

O início de um novo ano traz sempre olhares e interesses renovados, bem como um desejo generalizado de renovação na maioria das pessoas. Sendo este periódico um empreendimento humano, nada mais esperado que seja contaminado por esta perspectiva no início de 2015. Estamos diante de um novo ciclo, com a potencial oportunidade de melhorá-lo em relação aos anos anteriores. Mas isso não significa que tomemos o ano que se inicia como uma página em branco; na verdade, há linhas em branco, mas há muitos capítulos já escritos, o que chama a nossa atenção, simultaneamente, para a historicidade como elemento indissociável da vida humana e para a efemeridade de nossa existência.

Como um editorial para nós é mais do que apenas descrever brevemente o conteúdo da revista (SARAIVA, 2014), em função de acontecimentos recentes, vemo-nos na obrigação de neste editorial abordar a questão da violência, essa (infelizmente) estranha conhecida, próxima de todos nós. Para além da violência doméstica, assentada sobre a desigualdade econômica, sobre o preconceito de



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 2 | N. 3 | ABRIL | 2015 | ISSN: 2358-6311



gênero, sobre a brutalidade física e psicológica, da violência pela orientação sexual, da violência pelo racismo, da violência contra pobres, estrangeiros, e para além de todas as outras formas de violência aqui não citadas, assistimos na Europa a inflamadas manifestações contra o terrorismo, acompanhadas por previsíveis atos racistas, xenófobos e que discriminam todo um povo por conta dos atos extremos de alguns.

A pergunta que não quer calar é: porque os muçulmanos na Europa só se tornaram um problema agora? Por que antes, quando eram a mão de obra barata que assumia empregos que os europeus se negavam a ocupar eles eram relativamente bem-vindos, ainda que discriminados? Por que o mundo volta a sua atenção a se dizer solidário com um grupo de jornalistas mortos em um atentado e fecha os olhos a milhares de vítimas na Nigéria, no México, na Índia, e assim por diante? Aliás, por que nós brasileiros nos comovemos com o triste terrorismo na Europa, e ignoramos o maior número anual de assassinatos de homossexuais do mundo e altíssimas taxas de violência contra a mulher, tratando tais fatos como corriqueiros? Essas formas de violência não são o suficiente para nos mobilizarmos, e por isso precisamos que os meios de comunicação nos digam que tragédia mesmo só quando europeus são atacados?

"Je suis Charlie" é uma frase que embute dois pesos e duas medidas. A assertiva é ao mesmo tempo empática quanto aos mortos no atentado, e hierarquizadora, por definir que a solidariedade só vem com algo "realmente" importante, como um atentado na Europa. Onde estão as frases com "*Je suis curdo*", "*Je suis palestino*", "*Je suis checheno*" e assim por diante? Mais uma vez, as trevas dos tempos atuais nos levam a tomar por natural que só devemos reagir à violência extrema – aliás, classificá-la como tal – quando ela atinge o "centro" da civilização ocidental, onde curiosamente também se concentram a riqueza e os mais altos níveis de qualidade de vida. Às periferias e suas violências, pouco mais do que um suspiro de resignação, ou um pensamento de repúdio é suficiente. É como se esperássemos, e por isso tolerássemos a violência "nas margens", lugares pouco civilizados nos quais há mesmo um papel periódico de "limpeza" desempenhado pelas manifestações da violência. A mesma indignação que é reiteradamente mostrada e praticamente imposta ao resto do mundo quanto à violência na Europa se converte em um conveniente silêncio e um conivente lavar de mãos quando se trata da violência no "resto" do mundo.

É preciso clareza para evitar leituras precipitadas e polarizadas, pintando em cores fortes mocinhos e vilões, civilizados e bárbaros, vítimas e algozes com base apenas do que ouvimos por aí. Principalmente considerando que a mídia, como qualquer empreendimento humano, não é imparcial, e não se limita a fornecer

uma visão neutra do que se passa. A manutenção de uma dada forma de funcionamento do mundo está em jogo, e a isso não se pode fechar os olhos quando se fala em se informar sobre o que se passa.

Dito isso, ratificamos nosso papel, de procurar clarear caminhos obscuros, de levar a luz onde imperam cenários pouco claros. Isso implica questionar a ordem das coisas, as informações que nos são passadas como dados, as posições políticas e, principalmente, o que é produzido, disseminado e implicado nesse processo. Definitivamente, todos nós precisamos de luz nesses dias sombrios (SARAIVA, 2014).

Neste editorial, o primeiro do segundo ano da promissora existência de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, ao mesmo tempo em que registramos aqui nossa solidariedade para com as vítimas, repudiamos a violência e suas múltiplas formas de manifestação. Não há gratuidade na ação e tampouco na reação, haja vista que lidamos com processos sociohistóricos. Mas isso não deve ser tomado como argumento para justificar atentados, assassinatos, deportações, racismos, discriminações, execuções e assim por diante. Fica aqui o nosso registro.

Neste número contamos na capa com a colagem de *Isabela Candeloro Campoi*, uma provocativa colagem intitulada *Abismos*. A autora problematiza as incongruências da nossa existência nos dias atuais, alertando e tirando-nos da zona de conforto com suas imagens provocativamente reunidas.

Na seção artigos, *Susane Petinelli Souza*, *Marianna Eliza Camisão de Oliveira* e *Priscilla de Oliveira Martins da Silva* nos brindam com o texto *A produção de discursos em uma empresa de cosméticos: um sonho rosa*, no qual examinam uma empresa à luz do conceito de sistema religioso proposto por Pagès *et al.* As autoras concluem que discursos empresariais e religiosos coexistem na empresa, o que possibilita a produção de subjetividades a partir do discurso organizacional.

Em *Da escravidão à servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil*, *Fernanda Sousa Duarte* e *Ana Magnólia Mendes* discorrem, em um estudo bibliométrico, sobre as relações entre a Clínica Psicodinâmica do Trabalho e o contexto brasileiro, particularmente no que se refere a aspectos sociais, culturais, econômico do país. As autoras identificaram problemas de demanda e nos processos clínicos no Brasil, o que em parte pode se relacionar aos desdobramentos da escravidão no país, o que deixou marcas na dinâmica laboral até os dias de hoje.

Com enfoque no uso de metáforas como perspectiva de teorização e de análise organizacional, *Eduardo Davel*, *Fábia Virgínia Marques Calasans* e *Maria Suzana Moura* exploram, em seu artigo *O líder como facilitador: aprendendo com a metáfora do jardineiro*, o jardim, e mais especificamente, o jardineiro e suas práticas, como meio de compreender a liderança no contexto organizacional. Ao explorar as narrativas das entrevistas e os dados oriundos de observações sistemáticas, os autores apresentaram contribuições para a compreensão da liderança, particularmente no que se refere a um fenômeno relacionado ao desenvolvimento do coletivo de trabalho nas organizações.

Na seção ensaios, o primeiro texto, *Desafios organizacionais do desenvolvimento local: contribuições e limites da perspectiva schumpeteriana e da nova sociologia "econômica*, de *Gustavo Melo Silva*, explora a rica temática do desenvolvimento local sob o enfoque da organização. O autor explora as interfaces entre atores individuais e coletivos inseridos em redes sociais, e problematiza da literatura da área ao problematizar os avanços e limites propostos por Schumpeter e pela nova sociologia econômica. Suas conclusões sugerem que o desenvolvimento local recebe influência tanto de inovações quanto de aptidões e comportamentos individuais e gerenciais, sendo necessária a compreensão da complementaridade entre tais perspectivas para potencializar o desenvolvimento local.

Ana Lucia Guedes e Alexandre Faria fazem uma provocação no título do seu ensaio: *Por que construir uma área de estudos internacionais em gestão/administração?* Partindo de um amplo levantamento na literatura na área de gestão internacional, os autores propõem a intensificação de desenvolvimentos interdisciplinares com os campos de relações internacionais e economia política internacional. Nestes campos de saber há questionamentos sistemáticos do poder das organizações, das organizações internacionais e dos Estados na produção e consumo do conhecimento. Os autores defendam a visibilização da área de estudos internacionais, com suas respectivas sub-áreas em gestão/administração na América Latina de maneira a ratificar e legitimar outras formas de existência e de pensamento para além dos países hegemônicos.

Na seção depoimentos, temos o prazer de publicar o texto *Meus encontros com os estudos organizacionais*, de *Maria Ester de Freitas*. Neste depoimento temos uma narrativa de história de vida que se debruça sobre o percurso profissional e acadêmico da autora nas últimas quatro décadas, uma verdadeira viagem ao mundo dos estudos organizacionais. A trajetória empresarial, a transição para a vida acadêmica, a formação, as experiências em sala de aula, as atividades como pesquisador e orientador são temas tratados no texto, que examina e problematiza uma experiência da qual muito se pode aprender.

A última, e não menos importante contribuição, inaugurando a seção registros fotográficos, conta com a contribuição de *Aritana Sousa Dutra de Melo – Belo Horizonte e os moradores de rua: limpeza ou reinserção?* – que põe na pauta dos estudos organizacionais a indesejabilidade de sujeitos que vivem de uma forma não convencional no contexto organizado da cidade.

Por fim, informamos que, em função do aumento do número de submissões, a partir deste número, Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade passa a ser quadrimestral. Com um sincero desejo que as distintas contribuições deste número provoquem muitas reflexões, esperamos que a leitura seja prazerosa!

REFERÊNCIAS

SARAIVA, L. A. S. Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2014.

Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. À violência, a luz! Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-8, abr. 2015.

